

**DO ABSTRATO AO CONCRETO: A PRESENÇA BAKHTINIANA NO ENSINO  
DE LÍNGUA ESTRANGEIRA**

*Michele Teixeira Passini<sup>1</sup>*

**RESUMO**

Neste trabalho nos colocaremos no contexto das teorias de ensino-aprendizagem de língua estrangeira, as quais embasam metodologias, abordagens e técnicas de ensino, para localizarmos nesses estudos o legado do Círculo de Bakhtin, mais especificamente de Mikhail Bakhtin, já que tomaremos como base duas obras do autor, a saber, *Marxismo e Filosofia da Linguagem* e *Estética da Criação Verbal* (Os gêneros do discurso). Primeiramente, traçaremos um percurso teórico de três concepções mais tradicionais no quadro teórico de aquisição de língua, para então, após a exposição dos principais pressupostos teóricos do filósofo russo, abordar a questão de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira dentro de preceitos teóricos bakhtinianos.

**Palavras-chave:** Língua estrangeira. Ensino-aprendizagem de língua. Dialogismo.

**INTRODUÇÃO**

A primeira experiência de aprendizagem de língua de um indivíduo consiste em sua entrada ao mundo da linguagem, isto é, na ordem do simbólico, a partir da qual ele se torna sujeito (de linguagem). Trata-se, portanto, de um evento de linguagem inaugural, que resulta na língua materna sem memória de processo de aprendizagem, como se estivesse sempre “já-lá”. Com isso, a aprendizagem<sup>2</sup> de uma língua estrangeira (doravante LE) configura-se uma experiência privilegiada em termos de auto-conhecimento,

uma vez que, entrando em contato com o diferente, somos levados a observar o mesmo, que antes passava despercebido. Como afirma De Nardi (2008 apud Koltai, p.129): “esse encontro coloca o sujeito diante da necessidade de fazer “existir fora de si o que lhe é interior”.

Muitas são as correntes teóricas que se debruçam sobre esse processo, resultando em grande diversidade de propostas metodológicas. Se olharmos a história tecida por essas teorias, perceberemos que o ensino de LE percorre uma trajetória entre, basicamente, dois pólos: de um lado, a ênfase na análise da língua (acuidade), ou seja, na forma linguística, e, de outro no uso da língua (fluência), nos fins comunicativos.

Celce-Murcia (1991) relata que o movimento pendular entre interesse na análise gramatical e, na outra extremidade, em propósitos comunicacionais, está presente desde o período do grego clássico e do latim medieval até os dias de hoje. Conforme as necessidades sociedade alteram-se, o pêndulo seria movimentado de um extremo a outro. A autora cita, entre outros exemplos, a consequência da necessidade imposta pela Segunda Guerra Mundial, onde a urgência de um domínio sobre línguas estrangeiras, neste caso línguas dos inimigos, levou o governo americano a contratar linguistas, que influenciados pelo estruturalismo e pelo behaviorismo (comportamental) em voga na época, desenvolveram a abordagem audiolingual, visando ao ensino rápido e eficaz do idioma estrangeiro.

O behaviorismo, ainda hoje presente em materiais didáticos de ensino de língua estrangeira, tem como características atividades que enfatizam mímica e repetições, tendo como objetivo a memorização das estruturas. Skinner, teórico emblemático desta corrente, recebe em 1959 críticas do linguista Noam Chomsky acerca de sua publicação de 1957 *Verbal Behavior*. O linguista, que se opõe ao tratamento dado a linguagem pelo behaviorismo, por acreditar tratar-se de uma *reductio ad absurdum* do complexo fenômeno, torna-se o defensor da perspectiva inatista de aquisição de linguagem. Diferentemente de Skinner, Chomsky entende que, assim como os órgãos do corpo, a linguagem é biologicamente programada e, para ser desenvolvida, a criança necessita apenas de estímulos verbais externos (*input*). O fio condutor da teoria é a “pobreza de estímulo”, que assim como no “Problema de Platão”,

indaga “como é que o ser humano pode saber tanto diante de evidências tão passageiras, enganosas e fragmentárias”?

A indagação volta-se para o fato de a criança receber como estímulo frases muitas vezes incompletas e truncadas e mesmo assim, ao final de um tempo bastante curto já demonstrar domínio, principalmente em termos sintáticos, do sistema da língua. Segundo ele, isso se ocorre devido a um mecanismo inato (*LAD – Language Acquisition Device*) que disponibiliza princípios gerais a ganharem especificidade conforme o contato com estímulos externos, resultando em parâmetros da língua materna do indivíduo<sup>3</sup>. Com isso, percebemos que embora a importância do ambiente (social) seja reconhecida, a primazia é do inato, do biológico.

No contexto de uma LE, a teoria chomskiana não concebe a aprendizagem de uma segunda língua, mas sim, sua parametrização. Nesse sentido, um aluno falante nativo de Português, ao aprender a parametrização do inglês, perceberá na língua inglesa é necessário sempre marcar o sujeito sintático já que não é possível recuperá-lo (inferi-lo) por meio da flexão verbal, como acontece em sua língua. Assim como Chomsky, o francês Gouin responsável por publicações do método direto de ensino de LE, foi grandemente influenciado por Alexander Von Humboldt, para quem: “Uma língua não pode ser ensinada. O que é possível, é que alguém possa criar condições para que a aprendizagem aconteça.” (Humboldt apud Celce-Murcia, 1991).

Ainda nessa mesma perspectiva teórica, outros trabalhos destacaram-se no contexto do ensino-aprendizagem de LE, como por exemplo, o de Steven Krashen (1982) que postulou cinco hipóteses concernentes a aquisição de uma segunda língua ou aprendizagem de uma língua estrangeira, a saber, o modelo do monitor, distinção entre aprendizagem e aquisição, ordem natural, filtro afetivo e estímulo (*input*). (LIGHTBOWN; SPADA, 2007)

Embora tais pesquisas ainda hoje ressoem no campo de ensino-aprendizagem de LE, atualmente é crescente o número de materiais didáticos a pautarem-se na abordagem comunicativa, a qual privilegia o aspecto social ao invés do biológico, tendo como propósito da língua a comunicação. Menezes et al (2009) demonstram baseando-se na pesquisa realizada com 126 artigos publicados em periódicos da área de Linguística Aplicada, que a teoria

bakhtiniana (representante de 14% do suporte teórico dos artigos analisados), na qual nos aprofundaremos a seguir, ocupa um lugar de destaque.

## 1. CONTEXTO HISTÓRICO: DA LEGITIMIDADE À REALIDADE

O estudo da linguagem é, desde sempre, foco de interesse por parte de filósofos, filólogos, linguistas e outros estudiosos. Podemos citar o *Crátilo* de Platão, como um das primeiras obras a explorar tais questões. Nela, a origem dos nomes é trazida ao centro das discussões na forma de duas teorias rivais, sendo que uma delas que questiona se esses seriam fruto da convenção social, e, portanto, arbitrários, como defende Hermógenes, ou conforme advoga Crátilo, proveniente da própria natureza. O ponto de vista de Hermógenes quanto à arbitrariedade da palavra<sup>4</sup> será revisitado em 1916 por Saussure no Curso de Linguística Geral (doravante CLG), obra que descreve a língua como um objeto passível de ser sistematizado e metodologicamente estudado, proporcionando às antigas curiosidades legitimidade, graças ao status de ciência da Linguística.

O estruturalismo, método proposto por Saussure, toma como base a língua, formada por signos (dotados de significado e significante), os quais se relacionam resultando em um sistema, que independente da vontade do falante, é entendido e explicado por essas relações na própria estrutura da língua. Nesse sentido, a língua, único objeto de investigação da Linguística saussuriana, é social devido ao seu caráter de “saber coletivo”, ou seja, todos os falantes de uma língua possuem, mentalmente, o sistema linguístico, tornando-o ativo em seus atos de fala. A outra parte da linguagem, a fala, é deixada de lado dos estudos estruturalistas, uma vez que tem caráter individual e, portanto, segundo o autor, impossível de ser (cientificamente) sistematizado.

A nova teoria foi muito bem aceita pela grande maioria dos estudiosos das Ciências Sociais a partir da década de 50 por proporcionar legitimidade às pesquisas, conforme afirma Dosse (2007, p. 13, 14):

Pode-se qualificar a atitude estruturalista de “filosofia da desconfiança”: é uma atitude dos intelectuais que estabelecem o objetivo de desmistificar as opiniões comuns, de recusar o sentido aparente, desestabilizá-lo e procurar por detrás do discurso a expressão da má-fé. [...] As ciências sociais vêem no estruturalismo

uma possibilidade de emancipação, de rompimento do cordão umbilical que as atrelava a filosofia, conferindo-lhe a validade de um método científico.

Entretanto, geográfica e cronologicamente distante do contexto europeu, estudiosos russos, participantes de um grupo liderado por Mikhail Bakhtin, não aceitaram passivamente os conceitos trazidos pelo CLG, que tanto empolgara a *intelligentsia* européia. De acordo com Patrick Sériot (2005) o contexto histórico é fundamental para compreender a obra de Bakhtin.

A partir de 1929, com a difícil situação política no país, os contatos científicos entre URSS e os países ocidentais foram dificultados, o que de certa forma, limitava o conhecimento sobre as evoluções da ciência ocidental. Contudo, a grande influência que teóricos alemães exerciam nos intelectuais russos, continuava a produzir sentido, justificando a força que as idéias de Marx receberam. (SÉRIOT, 2005)

Assim, Mikhail Bakhtin e um de seus colegas do círculo, Volochinov, apresentam, influenciados pelo marxismo, uma visão da linguagem bastante original não apenas no contexto da filosofia da linguagem como também no da linguística daquela época. Embora o título - *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (MFL)- direcione as expectativas do leitor para limites claros em termo de influências teóricas, os onze capítulos da obra demonstram uma visão holística das relações sociais mediadas pela linguagem, além de tecer críticas contundentes a então ciência-piloto. As questões ressaltadas pelos autores culminam, principalmente, para a compreensão do aspecto social da linguagem. Segundo Flores & Teixeira (2008, p. 48) “a proposta do filósofo é ver a língua imersa na realidade enunciativa concreta, servindo aos propósitos comunicacionais do locutor”.

Teixeira (2005) aponta os anos 80 como marco do que denominou “explosão bakhtiniana” entre os linguistas. Segundo a autora, as discussões do círculo atualizam a polêmica sobre duas perspectivas do estudo da linguística, a saber; (1) a ênfase na descrição/elaboração de modelos formais e, (2) o foco na abertura do objeto língua para a diversidade concreta.

Esse foco na abertura do que até então encontrava-se “higienizado” para fins específicos pela ciência da Linguística, tem dois pontos bastante

equilibrados: o abstrato e o concreto da língua, como buscamos demonstrar a seguir.

## 2. O IMBRICAMENTO ENTRE ABSTRATO E CONCRETO NA TEORIA BAKHTINIANA

No capítulo 4 de MFL, Bakhtin<sup>5</sup> levanta questionamentos a respeito do objeto de estudo filosófico-linguístico, e, afirma que o problema nesse aspecto repousa no fato de o objeto não se deixa tocar ou ver, e com isso, qualquer tentativa de sistematização ou definição de limites claros e precisos, resulta em uma espécie de adulteração epistemológica. Nas palavras do autor:

Toda vez que tentamos delimitar o objeto de pesquisa, remetê-lo a um complexo objetivo, material, compacto, bem definido e observável, nós perdemos a própria essência do objeto estudado, sua natureza semiótica e ideológica. (Bakhtin 2002, p. 70)

Nesse sentido, ao se estudar fonética, por exemplo, não se está estudando a língua, mas sim, os sons que a constituem, ou seja, a observação estaria direcionada para a realidade física e fisiológica do fenômeno. Por outro lado, para se chegar a um estudo da linguagem, segundo o autor, é preciso que “as partes” formem um todo coerente e passível de ser analisado em suas relações. Neste caso, considerando o objeto *linguagem*, só é possível encontrar esse todo na esfera da relação social organizada, pois, “a unicidade do meio social e a do contexto social imediato são condições absolutamente indispensáveis para que o complexo físico-psíquico-fisiológico [...] possa ser vinculado à língua, à fala, possa tornar-se um fato de linguagem.” (Bakhtin, p. 71)

Nesse contexto, não seria difícil entender qual o posicionamento do autor diante das escolhas metodológicas feitas por Saussure, principalmente no que se refere ao corte epistemológico, a partir do qual a fala foi excluída e considerada irrelevante. Essa vertente, que tem no mestre genebrino seu maior representante, será chamada de objetivismo abstrato, já que a fim de manter seu status científico elege seu objeto fazendo uso de uma abstração. Partindo do pressuposto que o meio social e o contexto imediato são, nas palavras do

próprio autor, “absolutamente indispensáveis”, qualquer pesquisa de linguagem que não considere esses aspectos será contrária a concepção bakhtiniana do fenômeno da linguagem.

Embora teça tais críticas ao estruturalismo saussuriano, Bakhtin não nega que exista uma parte, ou seja, o “sistema linguístico, a saber, o sistema de formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua” (Bakhtin, p.77), ao contrário, afirma que são esses traços idênticos que permitem aos falantes compreenderem uns aos outros. No entanto, considera que esse sistema (formas abstratas) é apenas uma parte do fenômeno, pois ao se entender essa sistematização-abstração como realidade, perde-se a essência da linguagem que é a comunicação humana.

Nesse sentido, o autor afirma que o status sincrônico de observação da língua não passa de uma ilusão, já que, sendo um organismo vivo, ela está sempre sofrendo mutações, como afirma na página 90: “A língua apresenta-se como uma corrente evolutiva ininterrupta”.

Tendo em vista a clara distinção entre o que na língua é abstrato, referente ao sistema reiterável, e ao que é concreto, ou seja, a enunciação, o autor demonstra que ambos estão em jogo na comunicação humana e, retomando o circuito da fala apresentado no CLG (p. 19) chama atenção para a não-passividade do receptor. Diante disso é justo afirmar que, para Bakhtin os interlocutores são ativos, uma vez que os enunciados suscitam sempre atitude responsiva dos participantes da comunicação.

É interessante observar que as formas da língua, que recebem o nome de sinal, são entidades imutáveis desprovidas da capacidade de refletir e refratar como o faz o signo ideológico. Diante de um contexto comunicativo, o sinal deixa de existir, uma vez que se torna passível de descodificação. Segundo o filósofo, é no contato inicial com uma língua estrangeira que a sinalidade é sentida, já que a língua ainda não se tornou língua. Com isso, para ser língua é preciso ter sujeitos capazes de reagir aos signos, e ao invés de palavras, o que percebemos ao nos expressar são verdades, mentiras, desejos, etc.

Assim, na prática **viva** da língua, a consciência linguística do locutor e do receptor **nada tem a ver com um sistema abstrato** de formas

normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos **contextos possíveis de uso** de cada forma particular. (grifo nosso)

Seguindo o mesmo fio condutor, em *Os gêneros do discurso*, o autor revisitará a concepção de concreto e abstrato ao abordar os conceitos de oração e enunciado. Para fins de ilustração, no *quadro 1* elencamos distinções presentes na obra entre ambos:

<b>ORAÇÃO</b>	<b>ENUNCIADO</b>
- Unidade da língua	- Unidade da comunicação discursiva
- Não dispõe de plenitude semântica (portanto não suscita resposta)	- Dispõe de plenitude semântica (suscita atitude responsiva)
- Relativamente acabada	- É dotado de conclusibilidade

Quadro 1

A partir dessas distinções é possível perceber que a oração, sendo uma unidade da língua, equivale ao sinal, pois não é capaz de suscitar uma atitude responsiva, já que não dispõe de plenitude semântica e, portanto é relativamente acabada. É diante do contexto da comunicação discursiva, quando a oração é emoldurada pelos sujeitos do discurso, que ela torna-se um enunciado. A partir da plenitude semântica promovida pelo contexto de comunicação discursiva, o enunciado apresenta conclusibilidade e, portanto, suscita atitude responsiva dos interlocutores. Os limites do enunciado, segundo Bakhtin, estabelecem-se pela alternância dos sujeitos do discurso, mas “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”. (Bakhtin, 2006, p. 272) Disso decorre o caráter polifônico da comunicação, pois, não somos os primeiros a produzir enunciados.

Três elementos intimamente ligados determinam a inteireza do enunciado. O primeiro refere-se à exauribilidade semântico-objetual do tema do enunciado, que varia de plena, em gêneros do discurso mais padronizados até uma restrição a uma exauribilidade nos campos da criação. O segundo refere-se a vontade do falante ou intenção discursiva, que caracteriza-se, principalmente na escolha do gênero. Finalmente, a terceira e mais importante relaciona-se com as formas relativamente estáveis dos enunciados na construção do todo. Portanto, ao escolher enunciados que caracterizam um

gênero como o da piada, há, de certa forma, uma resposta do interlocutor ao próprio gênero, o que o aproxima a vontade discursiva do locutor. Nas palavras do próprio autor:

Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala. (BAKHTIN, 2006, p. 283)

Nesse sentido, é possível perceber que o fio condutor das concepções de Bakhtin está na interação verbal, na comunicação que é capaz de preencher de sentido, isto é, ultrapassar o significado chegando ao tema da enunciação. Diante disso, notamos que o filósofo russo, não desconsidera a presença do sistema, contudo, entende que é língua em potencial, permanecendo em “estado latente” até que emoldurado por sujeitos do discurso, com sua atitude responsiva, torna-se língua viva.

No próximo item nos encaminharemos para a discussão do ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira com base na teoria bakhtiniana.

### 3. LÍNGUA ESTRANGEIRA: O DESAFIO DO SINAL AO SIGNO

Embora Bakhtin não tenha realizado estudos específicos na área de língua estrangeira percebemos que não ficou alheio a essa questão, já que no decorrer tanto de MFL quanto de Gêneros do Discurso, é possível encontrar comentários a esse respeito. No capítulo 5 de MFL, há uma extensa nota de rodapé (p. 94, 95) a respeito do assunto. Abaixo citamos um trecho:

o ponto de vista que defendemos, embora careça de uma sustentação teórica, constitui, na prática, a base de todos os métodos eficazes de ensino de línguas vivas estrangeiras. O essencial desses métodos é familiarizar o aprendiz com cada **forma da língua inserida num contexto e numa situação concretas**. Assim, uma palavra nova só é introduzida mediante uma série de contextos em que ela figure.[...] Em suma, um método eficaz e correto de ensino prático exige que a forma seja assimilada não no sistema abstrato da língua, isto é, como uma forma sempre idêntica a si mesma, mas na

estrutura concreta da enunciação, como um signo flexível e variável.  
(grifo nosso)

Coerentemente com os conceitos tecidos no decorrer de ambas as obras, é possível perceber que o desafio em aprender uma língua estrangeira encontra-se na passagem do sinal ao signo, isto é, ao se deparar com a nova língua, é o sistema abstrato o primeiro contato do aprendiz, ou seja a pura sinalidade. O que o autor explicita é a importância do contato com o signo, capaz de refletir e refratar a realidade, cuja presença necessita de interação verbal, sendo concebível, portanto somente em enunciações.

Como anteriormente citado, um dos primeiros métodos reconhecido de ensino de língua estrangeira, foi audiolingualismo, inscrito nos preceitos da teoria behaviorista, prezava o desenvolvimento da língua estrangeira como um hábito verbal. Lightbown & Spada (2006, p. 34) afirmam que “as atividades em sala de aula enfatizavam mímica e memorização, e os alunos aprendiam diálogos e estruturas de sentenças de cor.” Com isso, percebemos que através de repetições denominadas *drills*, essa abordagem pautava-se em situações prontas e palavras soltas, ou seja, somente o abstrato, o sinal, o que se distancia da concepção dialógica de ensino de língua.

Aproximando-se da década de 60, as idéias de Chomsky respaldaram o método direto o qual tinha como carro-chefe a abundância de estímulo (input) a fim de produzir mais evidência em termos de competência linguística e, conseqüentemente o desempenho linguístico melhoraria. Professores nativos eram os preferidos para ministrar as aulas desse método, pois, proporcionariam estímulos mais fidedignos de língua-alvo. Entretanto, os alunos que deveriam comunicar-se desde sempre apenas na nova língua viam-se, muitas vezes, constrangidos o que comprometia a comunicação. Partindo do pressuposto que a interação verbal era comprometida por uma espécie de hierarquia do professor que detinha o “poder verbal”, esse método também não se aproxima da perspectiva teórica de Bakhtin.

Por outro lado, na perspectiva sociocultural de ensino, cuja eficácia depende de acordo com Lightbown e Spada (2006, p. 47) da interação do indivíduo “com um interlocutor dentro da sua zona de desenvolvimento proximal – que é em uma situação na qual o aprendiz é capaz de desempenhar em um nível mais alto porque há apoio do interlocutor”, há um rompimento

metodológico. Nesse sentido as atividades em um contexto de ensino aprendizagem de língua estrangeira pautar-se-iam em interações que desafiassem os alunos a se superar em termos de sistema linguístico. Vygotsky, reconhecido teórico dessa teoria, concebe que o conhecimento é internalizado durante a atividade verbal.

Embora essa última seja a teoria que mais se aproxima da real essência da língua para Bakhtin, a saber, interação verbal, há ainda alguns pontos que se distanciam. Contudo, ela foi bastante significativa para introduzir a interação nesse contexto através da abordagem comunicativa de ensino de língua, a qual se volta para o desenvolvimento da comunicação verbal, uma vez que concebe que mais do que acuidade, o aprendiz tem como meta tornar-se fluente, ou seja, se fazer entender na língua-alvo.

Dentre as atividades típicas da abordagem comunicativa, encontram-se atividades interativas, ou seja, o uso de *pairwork*, onde os alunos junto com seus colegas realizam atividades com menor monitoramento linguístico por parte do professor, tentando aproximar-se o máximo possível da comunicação real. Uma consequência da ênfase da interação, além da descentraliza da fala do professor, é a observação dos fenômenos paralinguísticos, ou seja, de elementos não-verbais. Ao discorrer acerca de tema e significação no capítulo 7 de MFL, o autor explicita que o tema que está relacionado, além das formas linguísticas, com os elementos não verbais da situação. O tema pode ser definido como “sistema de signos dinâmico e complexo, que procura adaptar-se adequadamente as condições de um dado momento da evolução.”

Outro ponto bastante recorrente nos materiais didáticos respaldados por tal perspectiva teórica são textos, imagens, geralmente através de materiais autênticos. Assim como em sua língua materna, o aprendiz já está habituado a produzir e depara-se com enunciados mais ou menos estáveis, que inseridos em certos propósitos comunicativos, constituem os gêneros do discurso. Nesse sentido, ao lançar os olhos sobre o texto, o aluno já é capaz de realizar inferências, aproximando-se mais da realidade concreta da língua. A escolha do gênero discursivo, com seu conteúdo temático, estilo e construção composicional, é permeada por antecipações, tanto do locutor com relação ao seu interlocutor e vice-versa. Trazer os gêneros para o estudo de uma língua

estrangeira e, portanto, caminhar em direção a verdadeira substância da língua, isto é, a interação verbal. Em outras palavras:

Nós assimilamos as formas da língua somente nas formas das enunciações e justamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e a nossa consciência em conjunto e estreitamente veiculadas. Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas). (Bakhtin, 2006, p.283)

Essa passagem do sinal ao signo só pode ocorrer se o aprendiz, de fato, tiver uma atitude responsiva diante do que ouve na língua estrangeira. Para tanto, é necessário que ele ouça não uma oração, mas um enunciado que, com sua característica de conclusibilidade, permite a ele descodificar e posicionar-se responsivamente. Para Bakhtin, aprender uma língua é aprender construir e a responder enunciados, porque, na comunicação verbal é por meio de enunciados de formas relativamente estáveis, que servem a determinados propósitos comunicativos.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Mikhail Bakhtin representa um marco em estudos linguísticos, literários e nas Ciências Sociais em geral. Suas concepções teóricas demonstram grande lucidez quanto à heterogeneidade e dialogismo no fenômeno da linguagem, o que dificilmente será visto com tranqüilidade pelos seguidores do positivismo científico, já que ao sucumbir a seus critérios desestabilizariam-se seus métodos de investigação.

No contexto de ensino-aprendizagem de língua estrangeira, o aumento de pesquisas respaldadas por suas idéias, como demonstrado acima, é bastante significativo, uma vez que tende a aproximar as atividades realizadas em sala de aula à realidade vivida pelos estudantes, tornando o processo menos artificial e, portanto, mais significativo.

A preocupação em preparar alunos capazes de se comunicar na nova língua, parte do pressuposto que eles precisam compreender o que ouvem, e

isso, nos moldes da teoria de Bakhtin significa que “qualquer tipo genuíno de compreensão deve ser ativo, deve conter já o germe de uma resposta” (Bakhtin, 2002, p.131). Quando consegue compreender, e, portanto, desenvolver uma atitude responsiva a partir do enunciado passa-se a ser um sujeito também naquela língua, já que “a cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas” (Bakhtin, 2002, p. 132), do contrário, estaremos simplesmente dando vazão a um personagem que repete sem se deixar levar pela língua.

## **FROM ABSTRACT TO CONCRETE: BAKHTIN'S PRESENCE IN FOREIGN LANGUAGE TEACHING**

### **ABSTRACT**

In this paper , based on foreign language learning theories, which are responsible for supporting methodologies, approaches as well as techniques concerning language teaching, we intend to focus on the theory by “Bakhtin’s Circle”, more specifically on Mikhail Bakhtin’s books - *Marxismo e Filosofia da Linguagem e Estética da Criação Verbal (Os gêneros do discurso)*. Firstly three of the most traditional conceptions of language acquisition will be shown so as to, after exploring the main conceptions of the Russian philosopher’s theory, we discuss foreign language learning within Bakhtin’s theory.

**Keywords:** Foreign language. Language learning (teaching). Dialogism.

### **NOTAS**

- <sup>1</sup> Mestranda em Linguística do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. Atua como professora de inglês em escolas de idioma desde 2001.
- <sup>2</sup> Para fins deste trabalho não faremos distinção entre os termos aprendizagem e aquisição ou língua estrangeira e segunda língua.
- <sup>3</sup> Essa teoria é conhecida como *Teoria dos Princípios e Parâmetros*. Embora o Gerativismo tenha sido reformulado diversas vezes, não é nosso objetivo aqui aprofundar tais bases teóricas.

- <sup>4</sup> Saussure não discute a arbitrariedade da palavra, mas sim, do signo linguístico.
- <sup>5</sup> A autoria de Marxismo e Filosofia da linguagem é polêmica no meio acadêmico. Teixeira (2005) apresenta a questão com base em Faraco (2003) explicitando dois posicionamentos, a saber, (1) que a autoria seria de Bakhtin apenas e (2) que, de fato, Volichinov teria tido participação ativa, e, seria portanto seu co-autor. No trabalho em questão a autora atribui, da mesma forma que Faraco (2003), a autoria de Volochinov para a MFL. Neste trabalho iremos nos referir a Mikhail Bakhtin com autor de Marxismo e Filosofia da Linguagem.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal: Os gêneros do discurso*. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 476 p. p. 261-306.

\_\_\_\_\_ (VOLOCHINOV). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 10ª edição. São Paulo: Hucitec, 2002. p.

CELCE-MURCIA, M. *Language Teaching Approaches: An Overview*. In: CELCE-MURCIA, M. *Language Teaching as a Second or Foreign language*. 2nd ed. Boston: Heinle & Heinle, 1991.p.3-11

DE NARDI, Fabiele. Stockmans. *A estranha relação do sujeito com a língua materna: algumas reflexões sobre língua e identidade*. In: MITTMANN, Solange. GRIGOLETTO, Evandra. & CAZARIN, Ercilia. *Práticas Discursivas e Identitárias*. Sujeito e Língua. Porto Alegre: Nova Prova, 2008. 287p. p.124-136.

DOSSE, François. *História do Estruturalismo*. O campo do Signo. Vol. I. Tradução de Álvaro Cabral. Baurú, SP: Edusc, 2007. 513p.

FLORES, Valdir.; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2008. 125p.

LIGHTBOWN, Patsy. M.; SPADA, Nina. *How languages are learned*. 3<sup>rd</sup> Edition. New York: Oxford University Press, 2007. 233p.

MENEZES, Vera; SILVA, Marina. M.; GOMES, Iran. F. *Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos*. In: PEREIRA, R. C. & ROCA, P. *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009. 206p. 25-50p.

PLATÃO. *Crátilo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.125 p.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. 27ª edição. São Paulo: Cultrix, 2006. 279 p.

SÉRIOT, Patrick. *Bakhtin no contexto: Diálogo de vozes e hibridização das línguas (o problema dos limites)*. In: ZANDWAIS, Ana. (org.) *Mikhail Bakhtin. Contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos discursivos*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2005.159 p. 59-72p.

TEIXEIRA, Marlene. *O círculo de Bakhtin e a linguística: o abstrato e o concreto na constituição do sentido*. Revista Desenredo, Passo Fundo, v.1, n.2, p. 85-98, julho/dezembro 2005.